



EDITORIAL

ROMA

Este número homenageia Roma, em comemoração do 60.º aniversário da assinatura dos Tratados de Roma, a 25 de março de 1957, que criaram a Comunidade Económica Europeia e a Comunidade Europeia de Energia Atómica. Bélgica, França, Itália, Luxemburgo, Países Baixos e República Federal Alemã, reunidos na “Cidade Eterna”, firmaram mais um passo na história da construção europeia, rumo a uma Comunidade de pessoas e para as pessoas, onde reinasse a paz e o desenvolvimento económico. Baseada em princípios democráticos, esta Comunidade deu origem à atual União Europeia, tão desafiada nos tempos que correm, por ameaças internas e externas. Numa data tão marcante, e perante os sucessos alcançados pelo projeto europeu, cumpre-nos, agora, não abdicar dele, mas antes contribuir com soluções para o reformar, preparando para os desafios que se avizinham e aproximando as instituições dos cidadãos.

Roma é uma das cidades mais importantes no contexto histórico-cultural europeu, pelo seu elevado contributo ao longo da História Mundial. Não se pode falar das fundações que sustentam a Europa que hoje conhecemos, sem reconhecer o devido apreço por uma cidade que, pelo poder que concentrou durante séculos, foi o centro da Europa e, mesmo, da civilização ocidental. Mesmo na atualidade, volvidos vários séculos, marcados por guerras, mudanças de regime e lutas pelo poder, Roma mantém-se incólume, certo que sem o poder de outrora, mas orgulhosamente eterna na sua resistência milenar.

A influência de Roma na construção da nossa Europa plasma-se em diversos momentos da História. A civilização romana tem as suas origens com a constituição do modesto Reino Romano, em 753 a.C., que, cerca de dois séculos mais tarde, evoluiria

para a República Romana, um período que marcou a expansão da civilização romana, de forma exponencial, pelo continente europeu e além do Mediterrâneo. A sua hegemonia, consolidada com a instauração do Império Romano em 27 a.C., cobria mais de 5 milhões de quilómetros quadrados, na sua máxima extensão, desde a Grã-Bretanha ao Norte de África, da Península Ibérica à Ásia Menor. Nesse sentido, o Império Romano, ao estender-se por mais de metade do continente europeu, tem sido encarado como a primeira ideia de uma Europa unida, reunindo diferentes povos sob o mesmo poder, organização política e valores. É certo que esta conceção em nada é comparável com a União Europeia que conhecemos hoje, até porque o Império Romano foi construído sob a égide do belicismo e da assimilação cultural, mas não deixa de ter fundamento.

Bebendo da civilização grega, os Romanos contribuíram positivamente para a construção do conceito de democracia. A maioria dos regimes modernos baseiam-se mais no modelo romano que propriamente o grego; afinal de contas, a República Romana foi a primeira república existente no mundo e um Estado na sua verdadeira aceção, cujo poder se encontrava alicerçado nas pessoas e nos seus representantes, e era chefiado por um líder eleito ou nomeado. Por isso, não é de estranhar que o conceito de governo republicano de hoje seja inspirado na República Romana. Para além da organização política, os princípios do direito romano são fonte de inspiração para o direito moderno na maioria dos países do mundo, como, de resto, é atestado pelo uso da terminologia latina. De resto, do vasto legado da civilização romana, o latim encontra-se na base das línguas românicas. Faladas por mais de 800 milhões de nativos a nível mundial e oficiais em cerca de 70 países, as cinco principais línguas românicas – espanhol, francês, italiano, português e romeno – são, igualmente, línguas oficiais da União Europeia.

Com a queda do Império Romano, a Igreja Católica viria a tomar o rumo da História da cidade. O reconhecimento da doutrina cristã pelo Imperador Constantino e a supressão das religiões pagãs por Teodósio I pavimentou o caminho para a afirmação do poder da Igreja Católica no continente europeu, para a qual contribuiu a constituição de reinos cristãos, cujos monarcas prestavam vassalagem ao Papa, enquanto

representante máximo de Deus na Terra. Esta vassalagem serviu para a consolidação do Cristianismo na Europa e do poder temporal do Papa sobre os reinos europeus. Esse poder, que em diversos momentos da História implicou um imiscuir da Igreja em assuntos dos Estados, foi perdido em meados do século XIX, no pontificado de Pio IX, em consonância com a abolição dos regimes monárquicos em vários países europeus desde então. Apesar da separação entre o Estado e a Igreja ser, felizmente, uma realidade nos Estados modernos e o direito à liberdade religiosa estar devidamente consagrado como direito fundamental, é inegável que a matriz judaico-cristã continue a ser um dos elementos agregadores na Europa, e, aqui, Roma exerceu um papel determinante pela influência da Igreja Católica no continente durante séculos, não obstante os cismas que a abalaram.

Este número segue a lógica editorial dos anteriores, ao não restringir-se a uma temática em específico, atendendo à multidisciplinaridade que caracteriza os Estudos Europeus e garantindo a oportunidade para que todos os interessados possam publicar o seu trabalho académico numa publicação científica séria e credível. Nessa linha, um dos nossos grandes objetivos é garantir que todos os estudantes e académicos na área tenham o mesmo direito de submeter os seus trabalhos para publicação, assegurando um tratamento imparcial e idóneo durante todo o processo de avaliação.

O presente número conta com seis artigos, que se enquadram, praticamente, no repensar do projeto europeu e na posição da União Europeia no contexto internacional. Pedro Camacho apresenta-nos, de forma detalhada, o Diálogo Energético entre a União Europeia e a Rússia, desde a sua implementação em 2000 até à suspensão das relações bilaterais em 2014, com uma análise focada na eficácia da sua estrutura organizacional. António Covas oferece-nos uma viagem sobre o futuro do projeto europeu, objetivando uma proposta para o governo dos bens comuns europeu, e atendendo aos desafios que assolam a Europa no momento presente. David Gil Gonçalves propõe uma reflexão sobre a relação entre as instituições e os cidadãos europeus, tendo por base o Trilema da Integração Económica de Rodrik e conceitos basilares como a responsabilidade e a responsividade. Marco Martins enquadra a União Europeia num mundo em constante mudança, face à nova realidade internacional,

questionando se estamos perante uma nova era ou ordem mundial, ou simplesmente estamos a assistir a uma regressão. Pedro Ponte e Sousa tece considerações sobre o conceito de democracia, tentando compreender a legitimidade dos sistemas democráticos atuais. André Simões dos Santos recupera o Tratado Transatlântico de Comércio e Investimento (TTIP), descrevendo o seu percurso e refletindo no seu papel para as relações transatlânticas com os Estados Unidos da América.

Posteriormente, são apresentadas três comunicações. As primeiras duas foram proferidas na Conferência "Acordo CETA: uma oportunidade para Portugal?", que teve lugar no dia 7 de abril de 2017, na Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa. Maria João Palma analisa a Política Comercial Comum da União Europeia após o Tratado de Lisboa, focando-se na competência desta para a celebração de acordos internacionais de comércio. Pedro Silva Pereira debruça-se sobre o Acordo CETA, destacando que o Parlamento Europeu teve um papel crucial nas suas negociações, fazendo a diferença. Na mesma casa, na Conferência "Luzes e sombras da União Europeia – 30 anos de Portugal na União Europeia", em novembro de 2016, Nuno Cunha Rodrigues denuncia os novos muros levantados na União Europeia e aponta soluções para restaurar a confiança dos cidadãos europeus nas instituições. Terminamos com a publicação do discurso proferido pelo eurodeputado, Carlos Coelho, por ocasião do Colóquio "Identidade(s), Integração e Laicidade na Europa", em maio de 2015, na Fundação Calouste Gulbenkian. No seu discurso, o eurodeputado aborda questões relacionadas com a identidade europeia, refletindo sobre o que são os europeus de hoje.

Esperamos que este número continue à altura dos nossos prezados leitores, aos quais agradecemos toda a sua atenção e apoio.

Pedro Camacho
Diretor